Por uma cultura de mercado além da ganância e do medo

Síntese do Seminário ministrado pela especialista Rajni Bakshi em 06 e 07.10.2014 na Associação Palas Athena

Rajni Bakshi é escritora e jornalista especializada em Economia, graduada pela George Washington University e com mestrado em filosofia pela University of Rajasthan. Publicou inúmeros livros sobre cultura de mercado, economia do bem-estar, a nova economia, a redescoberta de Gandhi e cidadania pela paz, em sua maioria editados pela Penguin. Rajni é membro da Gateway House, do Conselho Indiano de Relações Globais, do Comitê Executivo de Gandhi Smriti e Darshan Samiti, corpo autônomo do Ministério da Cultura da Índia, e do Centro de Educação e Documentação de Mumbai e Bangalore. É conselheira de fundações como a Child Rights and You (CRY) de direitos humanos de crianças. Seu livro mais recente é Bazaars, Conversations and Freedom: for a market culture beyond greed and fear *("Bazares, conversas e liberdade"), ainda inédito no Brasil.*

Na Índia, nossas tradições foram apenas orais por milhares de anos, antes que alguém as transformasse em escrituras. Na América, as grandes tradições indígenas também foram majoritariamente orais. Assim, vamos começar com uma história, a história de Manhattan.

Nesta gravura de cerca de 1640, dá para imaginar Wall Street ali no meio. Quem já foi a Nova York sabe que Wall Street é bastante estreita e que se pode ver o mar de um lado e outro da rua.

Nossa história começa em 1609, quando Henry Hudson chega a Nova York em seu navio *Half Moon*. Ele foi o primeiro europeu a ver esse lugar, e o que viu foi um espaço verde com a população local – os nativos, que estavam reunidos conversando e trocando seus produtos. Hudson junta-se àquelas pessoas e oferece alguns objetos europeus como facas e martelos. Em troca, recebe peles de animais. Essa é a troca em sua forma mais pura, praticada por nossos ancestrais em todo o mundo há 30 mil anos. A necessidade de se juntar, de se encontrar é básica, é universal.

Na Europa, por volta do ano 8.000 a.C. as pessoas começaram a se estabelecer em locais fixos e a se dedicar à agricultura, ao cultivo de alimentos. Descobertas recentes de antropólogos e arqueólogos apontam que na América Latina isso se deu em 14.000 a.C., e portanto anterior à Mesopotâmia, à qual se atribuía o início da agricultura.

Presentes em lugar de *commodities*

Como o conhecimento sobre a agricultura na América Latina ainda é novo, começarei do ano 8.000 a.C., quando a agricultura teve início em colônias e comunidades mais estabelecidas, na região da Síria, lugar que hoje em dia é o mais complicado do mundo. Pelos primeiros 4.000 desses 8.000 anos, havia apenas a troca de presentes, não existia nada conhecido como *commodities*, na época.

A troca de presentes é muito diferente da troca de *commodities* ou bens, e é algo muito importante na nossa jornada como espécie. O advento da mercadoria ou dos bens de consumo se dá por volta de 4.000 a.C., e coincide com o surgimento da escrita. Os primeiros registros da escrita se relacionam ao comércio, mediante sinais em tabuletas que descrevem a troca de mercadorias ou de bens – venda de gado e de grãos.

Passam-se 3.500 anos até surgirem as primeiras lojas ou bazares fixos, pois o que tínhamos antes eram os bazares que se armavam e se desarmavam – as pessoas se agrupavam para as trocas e depois voltavam, cada grupo, ao seu local de moradia. As pessoas se reuniam para outro propósito, em geral ao redor de um templo ou outro local, no qual também faziam a troca de mercadorias, um escambo. Às vezes havia um tipo de objeto que poderia lembrar a nossa primeira moeda, mas em geral o que se dava era um escambo. A primeira moeda surgiu mais ou menos em 1.200 a.C.

De 1750 a.C. até o séc. XVIII basicamente só encontramos um tipo de comércio de bazares ou de feiras. É a necessidade de nos reunirmos que dá o tom de como devemos nos juntar para fazer as trocas. Isso muda na Europa Ocidental no século XVIII, onde uma combinação de fatores simultâneos faz florescer a ideia de que o mercado pode ser independente da sociedade.

Menati (ou Menatay) – esse era o nome que os nativos atribuíram a Manhattan, e há algo muito curioso – o inglês Henry Hudson chega a esse lugar com seu navio em 9 de setembro de 1609, o Lehman Brothers pediu concordata em 15 de setembro de 2008 –, o mês de setembro tem muita história, inclusive o lugar onde Henry Hudson aportou era muito próximo ao local onde estavam as Torres Gêmeas.

A colônia fundada em Manhattan foi chamada Nova Amsterdã. No começo, os europeus que lá chegavam se sentiam muito à vontade com os nativos que faziam as trocas. Essa relação amigável durou muito pouco e logo os europeus e os indígenas se separaram, e os europeus construíram um muro de argila onde hoje é Wall Street. A própria denominação – Wall Street, Rua dos Muros, reflete os muros construídos para proteção e separação dos nativos.
O número de europeus foi aumentando e superando mais e mais o número de nativos, o que levou os indígenas a fugir para o continente.

From Manhattan To Menatay - 2002 coleção permanente American Indian Community House AICH Gallery New York, Janice Toulouse, artista canadense

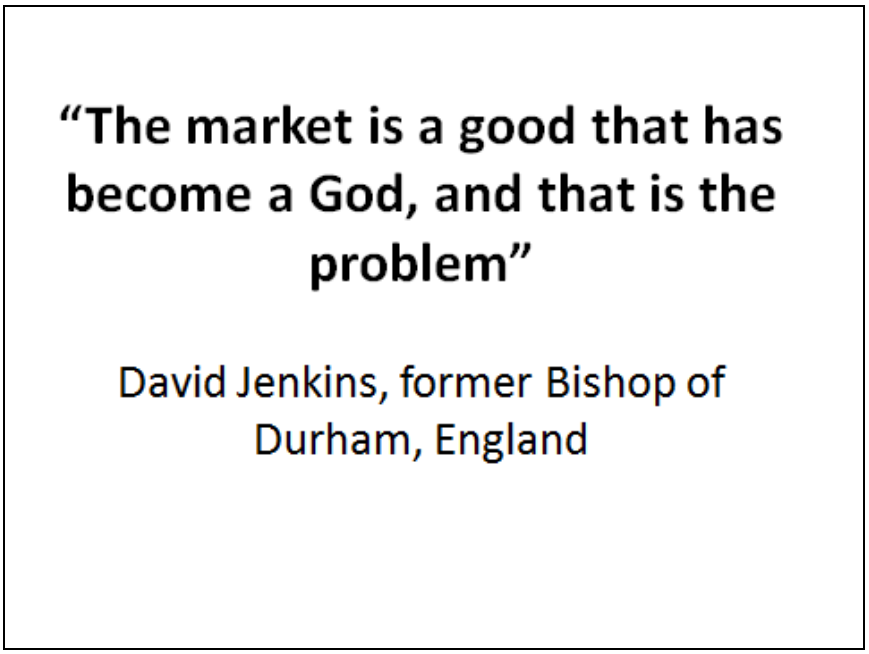
Hoje esses muros já não existem, mas simbolicamente Wall Street representa a separação de 4.000 anos de história humana, de história de trocas livres e naturais. Por isso, afirmar que a Índia é um mercado emergente é bastante impróprio.

Esta imagem mostra uma cena que pode ser aproximadamente do ano 800, mas se voltarmos atrás mais 2 mil anos o panorama será o mesmo: a troca de especiarias e de grãos.

Tanto o escambo quanto o uso de moeda não é um tipo de troca de primitiva. Aquilo que Henry Hudson fez, dando facas ou martelos e recebendo pele de animal, isso sim pode ser considerado troca primitiva.

O que se vê na imagem seguinte não é troca primitiva. É uma cena muito comum em qualquer lugar da Índia. Isto é uma cidade, não uma aldeia.

Mas, supostamente, a Índia não é parte do mercado. Afirma-se que ela tem de vir para o mercado emergente, ou seja, 800 milhões de pessoas estão recebendo a mensagem de que não fazem parte do mercado, estão sendo tratadas como mercado emergente!



O Deus-Mercado

“O mercado é um bem que se tornou um Deus, e esse é o problema.” A frase é de David Jenkins, antigo bispo de Durham, Inglaterra, e em inglês forma um jogo de palavras entre *good* (bem) e God (Deus).

Essa ruptura, o grande rompimento entre os bazares e o “mercado” não foi um episódio arbitrário, foi o resultado de vários acontecimentos que examinaremos em uma volta de 360 graus em torno desses conceitos e desse processo.

Há uma diferença-chave entre os dois conceitos. Nos bazares, as pessoas estão lá trocando, dando presente, comprando, e isso faz parte da história da humanidade, não é algo novo – o desejo de ter sedas finas, ter coisas, sempre existiu.
O “mercado” é uma invenção que tem apenas 250 anos. Os bazares estão localizados em lugares específicos, enquanto que o “mercado” é uma ideia, não está localizado em nenhum local físico, não há troca face a face, interpessoal, humana, não há relações reais – há pouco espaço para a nossa humanidade, no sentido mais básico.

Uma das histórias mais emblemáticas sobre isso está contada no livro chamado *“The cluetrain manisfesto”* [Manifesto das Evidências, ou O trem das evidências]. *Clue* (pista em inglês), porque todos estão procurando pistas para entender esse fenômeno de mercado. Um “trem de pistas”, de evidências que devem ser seguidas. E um dos autores conta que, na África do Sul, visitou um mercado bem tradicional, como os das ilustrações anteriores, com um amigo do local que lhe servia de intérprete. Em uma loja de tapetes, pergunta ao vendedor quanto custa uma determinada peça; o vendedor lhe dá o preço, ele diz que é muito caro e vai embora. O intérprete, então, o alerta: “Cuidado, você acabou de ofender

o vendedor". Desejando ser uma pessoa que apoia e respeita a população local, ele volta à loja e diz ao vendedor: "Está bem, vou comprar o tapete pelo preço que você me pediu". O tradutor avisa que ele novamente ofendeu o vendedor, e explica: "Por que você não pergunta ao vendedor quanto ele acha que vale esse tapete?" Assim, aquele vendedor, que provavelmente também é um artesão, vai dizer: "Este tapete é assim, assado, feito com tal tipo de seda, essa é a tecelagem que nós usamos". Então, nessa troca de ideias, o vendedor chega ao preço que ambos concordam ser o justo para aquele objeto.

Em essência, é isso que deveríamos fazer em nossas atividades de mercado. Mas o conceito atual de mercado é completamente diferente desse exemplo que acabei de dar. Atualmente ouvimos dizer que, para ser uma economia desenvolvida, precisamos ter lojas com preços definidos e que fazer barganha, discutir preço é coisa primitiva. E nos dizem que precisamos emergir, melhorar de nível, porque essa história de mercado, bazar, de muita barganha, muita face a face é primitivo. Uma grande loja de departamentos e um negócio de ações, isso sim é considerado desenvolvido, isso sim seria melhorar de vida.

Voltando à ruptura da Europa Ocidental no século XVIII, a história é muito complexa, mas dois pontos se destacam. Após a queda do Império Romano, os mercados/feiras/bazares entram em colapso; e surge o feudalismo, sistema baseado na propriedade da terra e na produção gerada por aquele pedaço de terra, com um senhor e toda a economia dentro do feudo, vale dizer, com trocas dentro do feudo. Isso acontece na Europa Ocidental, naquela parte do continente que vai da Polônia até a Inglaterra. Mas no resto do mundo, no Oriente Médio, na Índia, na China, na Ásia, em todos os outros lugares, os bazares continuaram existindo e havia trocas financeiras – ainda que não existissem bancos da maneira como conhecemos hoje, havia algo que se assemelhava.

A sociedade no comando

As "feiras" do século X ou XI na Europa surgem como espécies de bazares, majoritariamente perto das igrejas, e eram móveis, o que significa que podiam atender diferentes locais ou espaços para servir a diferentes comunidades.
Portanto a sociedade é o centro, o valoroso, e os bazares estão a serviço dela.

Nas primeiras décadas do século XVIII começa a surgir a ideia de que o ser humano é intrinsecamente egoísta.

Bernard Mandeville, em um de seus poemas, "Fábula das Abelhas", fala sobre a virtude do vício, nessa época onde amanhece o Iluminismo que tira o poder da Igreja e desconstrói suas verdades. Subtraindo todas as restrições impostas pela Igreja, a sociedade iria prosperar em função dessa característica do ser humano, o egocentrismo. É nessa atmosfera que nasce Adam Smith, e, portanto, essa ideia não foi criada por ele, já era muito forte antes.

A ironia é que Adam Smith é um filósofo – não um economista, pois essa disciplina ainda não existia nas universidades ocidentais –, um filósofo moderno que tenta definir o que significa um ser humano moral. A economia política deveria estar separada da moral da

Igreja, essa era a convicção da época: o autointeresse é racional, e não ter autointeresse é irracional.

Amartya Sen, economista, em 1989 escreveu um livro que o fez ganhar o prêmio Nobel da Economia, no qual tenta definir o que é racional. Viver no autointeresse é muito limitante, está fora do fluxo da vida, não é orgânico. Claro que às vezes vivemos no autointeresse e no egoísmo, mas é irracional dizer que essa é a nossa natureza mais profunda.

Karl Polanyi estudou a transição das feiras/bazares para o "mercado". Segundo ele, o que ocorreu na Europa por volta do século XIX não foi algo orgânico, natural. Uma série de políticas governamentais interferiu no funcionamento orgânico dos bazares e das feiras. Instituídas com base naquela premissa, de que somos regidos pelo autointeresse e pelo egoísmo – e que isso é racional –, essas políticas acabaram minando toda a natureza e o condicionamento dos bazares.

O conceito de seguro

Mais recentemente, Stephen Marglin, professor de Harvard, escreveu sobre a criação da ideia de "seguro". A ideia primordial das pessoas era a de que estavam seguras por viver em comunidade: se meu armazém pegar fogo, meus vizinhos me ajudarão a reconstruir meu estabelecimento.

Por isso, foi difícil para as primeiras comunidades entenderem o conceito de seguro, que questiona essa confiança no vizinho, na comunidade e considera isso irracional. Deve-se confiar em um sistema científico que lhe pagará uma quantia caso seu estabelecimento, seu armazém, pegue fogo. A ideia de seguro tira a ideia de cooperação/solidariedade das comunidades e nos convence que somos inerentemente egoístas, interesseiros e que isso é o racional, e portanto superior, evoluído. Isso é ser superior, mesmo que tenha significado um estreitamento da experiência humana.

Michael Sandel, filósofo contemporâneo, também lida com as questões morais nos tempos presentes, mas é bem menos radical que Steven Marglin. Steven não é conhecido fora dos círculos de ativistas, enquanto que Michael se tornou uma estrela global por suas aulas na Internet. Ele fala de uma maneira muito mais palatável para o grande público. Steven é mais difícil de digerir.

O paradoxo do capital

Marx ainda não foi testado em sociedades que não tenham se convertido em regimes totalitários, em geral as pessoas só o conhecem pelos países (União Soviética, China) que entendiam estar colocando em prática seus ensinamentos. A acumulação de capital, então, se tornou um fim em si mesmo.

Temos que redefinir o papel do capital, o sentido da palavra. Em princípio o termo era usado para definir a riqueza orgânica (de cabeças de gado, de cereais etc) que cresce, que aumenta. O gado se reproduz, as plantas se reproduzem – mas uma moeda de ouro não

se reproduz, ela é inorgânica. A ideia do capital é a ideia da riqueza orgânica que vai se multiplicando.

A partir de 1931, nos EUA – e o mundo seguiu essa tendência, o termo "capital" não tem mais nenhum rastro orgânico, e sequer tem um lastro no ouro, que é inorgânico. São números inorgânicos reproduzidos numa matriz de computador. É importante que mudemos a ideia de capital, sem essa mudança não será possível salvar o mundo.

David Korten relata uma conversa que teve com o ministro do Meio Ambiente da Malásia, quando visitou aquele país. O ministro lamentava o fato de que as pessoas estivessem cortando árvores de suas fazendas e vendendo-as para aplicar o dinheiro no mercado de capitais, porque daria mais dividendos do que deixar a floresta em pé – o dinheiro se multiplicaria mais rápido do que o tempo necessário para uma árvore crescer.

Karl Polanyi tem importância fundamental, porque identificou o coração do problema. Em um dos maiores textos do século XX, *A grande transformação*, publicado em 1944, Polanyi diz que a receita proposta pela teoria marxista é encontrar outra maneira de controlar o capital, dando uma parte maior do capital ao proletariado.
Se formos pensar no fluxo de um rio, o problema está muito mais acima da corrente, está em entender o significado do capital e do controle do capital.

Polanyi explica que tudo o que é orgânico na sociedade – a ideia de reciprocidade, de trocas mútuas, tudo isso que é considerado natural – foi substituído pelo modelo da supremacia da lucratividade, pela acumulação e manipulações do mercado. Na Era Pré-Moderna, diz Polanyi, a liberdade relacionava-se à arbitrariedade feudal, que assegurava as atividades da municipalidade, das associações de artesãos e da ordem religiosa; na Era Moderna, a liberdade passou a significar a liberdade de investimentos privados, lucros e acumulação. Polanyi se manifesta contra o paradoxo que está no coração da filosofia do *laissez faire* e suas políticas relacionadas.

É nesse contexto que Margareth Thatcher chega ao poder na Inglaterra, no final dos anos 80, defendendo a teoria de que não há alternativa. Esse foi o slogan criado por ela e que ficou muito famoso como TINA – "There Is No Alternative". Em outras palavras, o que ela diz é que não lhe resta outra alternativa a não ser colocar toda a sua fé no modelo do lucro.

Friedrich Hayek, húngaro como Polaniy, também se debruça sobre a Europa do século XVIII e sua ruptura do modelo orgânico. Para ele, o problema da Europa é o comunismo, que ele considera um modelo de escravidão ou de servidão. Já Polaniy afirma que a questão não é dar primazia às classes proletárias, mas dar primazia à sociedade, e não ao capital e ao lucro.

Comunismo e capitalismo é a polarização que toma conta do século XX.

O protagonismo da comunidade

Gandhi consegue ver muito além dessa dicotomia e apresenta uma alternativa. Em 1908, mesmo antes que a revolução comunista bolchevique acontecesse na Rússia, ele chegou à conclusão de que aquela era uma escolha errada, pois tanto o comunismo quanto o capitalismo desconfiam da comunidade, não há nenhum espaço para a comunidade em nenhum dos dois sistemas. Gandhi propõe o protagonismo da comunidade.

Para Gandhi, o máximo da criatividade ocorrerá quando o ser humano tiver liberdade e poder para atuar livremente, longe de ser uma marionete do mercado ou um proletário revolucionário seguindo as ordens do Estado.

O oposto de TINA é TAMA, "There Are Many Alternatives", termo criado por vários ativistas sociais que se transformou no slogan do Fórum Social Mundial. Aqueles que acreditam na TINA se reúnem no Fórum Econômico Mundial; já quem acredita na TAMA se encontra no Fórum Social Mundial.

Recursos naturais no controle das comunidades

Narmada Bachao Andolan[1] - NBA, Movimento Salve o Narmada, tinha por objetivo proteger as pessoas que viviam à margem do rio Narmada, que estavam sendo ameaçadas pela construção – que hoje já é uma realidade – de 3 mil diques e represas. As pessoas tiveram que ser deslocadas por causa da inundação necessária para construir as represas.

Nas décadas de 80 e 90 fui uma das apoiadoras desse movimento e nosso slogan era Desenvolvimento, Não Destruição. Mas o conceito de desenvolvimento foi definido por outras pessoas sem ouvir a opinião dos moradores das margens do rio Narmada. Aqueles habitantes sequer tiveram a oportunidade de dizer algo sobre o que seria desenvolvimento para aquela região.

No vale do rio Narmada, onde eu costumava ir com frequência, florescem três tipos de árvores que acredito serem nativas apenas no subcontinente indiano. Estranhei que as três espécies crescessem sempre muito próximas umas das outras, até que um dia alguém explicou: "Elas são plantadas dessa maneira porque acreditamos que se conseguirmos que uma delas atinja o ponto da maturidade – e isso significa chegar a uma altura em que o gado não possa destruí-la, alcançamos nosso propósito de vida. Tudo o mais que fizermos na vida é extra, o que importa é fazer uma das árvores atingir a maturidade".

Essas três árvores têm um valor incomensurável no ecossistema, apesar de não ter valor monetário. Nenhuma delas produz algo comestível, mas todas são usadas pelos povos das margens como produtos medicinais. Os pássaros adoram, e as folhas são utilizadas como pesticida orgânico na agricultura.

[1] . Narmada = nome do rio; Bachao = salve; Andolan = movimento de expressão, manifestação.

Quando apontamos esses valores, mostrando que essa cultura não podia ser destruída, a argumentação foi rejeitada e fomos acusados de antidesenvolvimento e antinacionalistas.

Água, florestas e terras – esses três recursos naturais devem estar sob o controle das comunidades. Essa é a posição dos ativistas da Índia nos últimos 15 ou 20 anos, com oposição do governo nacional e do mercado. E como evitar que essas comunidades sejam corrompidas por industriais, acionistas e governantes que queiram comprar a preço bem baixo esses recursos?

O slogan de Desenvolvimento e Não Destruição estava bem, mas apesar de estarmos lutando contra a destruição, não estava acontecendo o desenvolvimento desejado. Todos deveriam ter alimento suficiente, abrigo decente, saúde, roupas, educação e entretenimento.
Sabemos que 70% da população não alcança nem o mínimo daquilo que chamamos de desenvolvimento, daquilo que todos deveriam ter acesso. No final dos anos 90, sabíamos que nem o socialismo, nem o capitalismo, da forma como os conhecemos, poderiam resolver esse problema.

Notei que muitos dos meus amigos ativistas estavam focados apenas em descrever a dor para aqueles que não a conheciam, mas não havia nenhuma conversa sobre as soluções para esses problemas.
Foi nesse momento que li George Soros, que se tornou muito importante para mim. Ele estava dizendo que íamos chegar a um fundamentalismo de mercado que, ao final acabaria destruindo a democracia e o próprio mercado.

Liberdade, essência da vida

"Fundamentalismo do mercado", essa é a forma com que George Soros designa o que estava acontecendo nos mercados em 1998. Esse fundamentalismo acabaria destruindo as sociedades, a democracia e o próprio mercado. No final do século XX, nem o capitalismo nem o socialismo conseguiram resolver o problema da fome, das carências nas necessidades básicas do humano.

George Soros, húngaro, judeu, viveu durante o regime nazista e logo sob o regime comunista, portanto sem experiência de liberdade. Com 18 anos fugiu para a Inglaterra onde estudou com Karl Popper, que considera o marxismo/comunismo como o regime antiliberdade. Vai aos Estados Unidos e torna-se um grande investidor.

A partir dos anos 1970 Soros começa a doar seu dinheiro para apoiar os ativistas da resistência dos países soviéticos, que não imaginavam estar sendo sustentados por um dos maiores acionistas de Wall Street. Faz isso convencido de que uma sociedade aberta é o fundamento mais importante para se ter uma boa sociedade, dando um passo além de seu "guru" Karl Popper.

Karl Popper, no livro *A sociedade aberta e os seus inimigos*, descreve o fundamentalismo de mercado como sendo contra a liberdade e traz a seguinte definição: "Todas as atividades sociais e as interações humanas devem ser vistas como relações transacionais baseadas em contratos e valorizadas em termos de um único denominador comum, o dinheiro. As atividades devem ser reguladas, até onde possível, por nada mais intrusivo do que a mão invisível da competição que maximiza a lucratividade. Isto é o fundamentalismo de mercado".

Até os anos 90 apenas o comunismo era considerado o regime anti sociedade aberta. Mas em 1995 Soros publica um artigo onde afirma que "a sociedade capitalista é também (junto com comunismo) uma sociedade antiliberdade".

O insight mais importante de Soros é que a liberdade é absolutamente essencial, que não pode haver nada fora da liberdade. E colocar a liberdade de lucrar como a mais importante de todas, isso também vai contra a liberdade.
Depositar, portanto, toda a sua fé num modelo baseado no lucro reduz demais as possibilidades humanas.

Voltando à minha própria história, tive a oportunidade de ir à Inglaterra fazer um curso no Schumacher College em Devon, intitulado "Mercado – do dono ao servo", onde um dos professores era justamente o Bispo David Jenkins que nos anos 1990 cuidava da comunidade de mineiros de cobre que enfrentaram Margareth Thatcher.

Cada vez que ele fazia seus pronunciamentos contra o governo de Thatcher, ela dizia: "Cuide de problemas espirituais e deixe que eu conduzo a economia. Uma coisa não tem nada a ver com a outra". Então ele começou a pensar, a imaginar uma situação em que todas as pessoas eram chamadas a se reunir em volta do altar da deusa TINA (There is no alternative), pois Margareth Thatcher continuava repetindo aquele bordão "não tem alternativa".
Foi aí que ele disse aquela frase "The market is a good that became a God, and that is the problem" – O mercado é um bem que se tornou um Deus, e esse é o problema. E esse se tornou o farol da minha busca há 9 anos, desde que escrevi o livro.

Devo confessar que tudo isso foi muito confuso para mim, houve muitos questionamentos, mas no final das contas eu cheguei a uma grande descoberta de mim mesma. Por isso escrevi o livro "Bazares, Conversas e Liberdade". Mas não apenas a liberdade de trocar os bens que quisermos, mas a liberdade de descobrir quem somos e quem podemos ser.

Valores *versus* preço

O problema que estou descrevendo aqui não é tão novo, o que enfrentamos não é algo que tenha começado no século 19, embora as coisas da forma como estamos vendo agora tenham iniciado numa época mais recente. O centro do problema, estes questionamentos são muito básicos na nossa história e na nossa civilização.

No livro *The Gift – Creativity and the artist in the modern world,* de Lewis Hyde, há um comentário sobre uma passagem bíblica, quando Jesus se prepara para ser crucificado, está jantando com seus discípulos, e chega uma mulher com um óleo muito exótico e caro para ungir a cabeça e os pés de Jesus.

Os apóstolos, os discípulos oficiais que, é claro, eram todos homens – a gente ainda não sabe por que tinha que ser assim, mas foi –, olharam aquela mulher ungindo Jesus com aquele óleo tão fino e disseram: "Nós deveríamos vender esse óleo e dar o dinheiro resultante dessa venda aos pobres". É em resposta a esse comentário dos apóstolos que Jesus diz "os pobres, sempre os tereis convosco".

O que os apóstolos não entenderam é que aquele óleo tinha deixado de ser *commodity*, uma mercadoria. A partir do momento em que aquela mulher ungiu Jesus com aquele óleo, ele deixou o seu local no mercado para se tornar um presente.

Lewis Hyde comenta, no livro: "Eles, os discípulos, estão pensando no preço do óleo ao se sentar na frente de um homem que está se preparando para tratar o próprio corpo como uma vítima em expiação pelo holocausto. Podemos interpretar a resposta de Jesus, querendo dizer que a pobreza ou a escassez estão vivas e muito bem vivas dentro das questões deles. Quer dizer, que os ricos e os pobres estarão sempre com eles enquanto não conseguirem sentir o espírito que está vivo entre eles".

Penso que é pela mesma razão que os brâmanes – que vivem na tradição hindu ortodoxa e devem cuidar da relação do finito com o infinito – eram deixados de fora da economia de mercado. Um brâmane deve viver apenas de doações. Nessa tradição, não podemos pagar o guru. É uma ofensa oferecer pagamento ao mestre. Você só pode fazer uma doação (*dakshina*) porque o que ele oferece não tem preço.

Romila Tapa, uma das grandes historiadoras da Índia, coloca claramente que os bazares e os mercados na Índia existiram por mais de 3 mil anos em um sistema bem desenvolvido. Mas os organizadores da sociedade decidiram colocar fora do mercado as pessoas que lidam com o grande sentido da vida. Tomaram essa decisão de propósito, para separar a economia de mercado deste outro sentido da vida, pois se deram conta, de alguma forma, de que este não era uma mercadoria.

Cabe aqui uma ressalva. Não se trata de romantizar a economia de presentes nem os brâmanes, porque essa teoria nem sempre funcionou bem. Muitos brâmanes se tornaram avarentos, egoístas, cobiçosos e começaram a explorar as pessoas, sem necessidade de ajuda por parte do capitalismo. Eles também se tornaram antissociedade, pois ao longo dos séculos resolveram assegurar o direito sobre o conhecimento que detinham como propriedade intelectual, como se fosse sua exclusividade, e usavam esse pseudo-direito para explorar o povo.
A teoria dos presentes, em si, tem um ponto teórico importante para apreciar e examinar, desconsiderando a prática errônea dos brâmanes.

Não podemos confundir o que é mercadoria e que, portanto, tem um preço, daquilo que é um bem que não pode se tornar negociável, que tem valor.

A cooperação

No livro *Demanding the Impossible (Exigindo o impossível),* o ideário do anarquismo, Peter Marshal inclui Gandhi na vertente anarquista por ele considerar que se você deixar a sociedade correr como um rio, de modo natural, as pessoas vão convergir na cooperação.

"Darwinismo social" foi uma deformação das ideias de Darwin para justificar a dominação dos mais "fortes", e em consequência justificar a colonização dos "estúpidos", daqueles que não têm condições de dar conta de si próprios e, portanto, é necessário "civilizá-los".

Piotr Kropotkin, russo aristocrata, assim como Tolstói dedicou grande parte da sua vida estudando a Rússia rural, onde a modernidade ainda não tinha chegado. Escreveu o livro *Ajuda mútua, um fator de evolução*; sua ideia vai muito ao encontro de Polanyi, de que a sociedade pré-moderna é uma sociedade orgânica, na qual havia trocas de mercadorias, mas não era regida por elas.
Aponta algo que ninguém havia enxergado nos diários de Darwin – a história do pelicano cego, que apenas sobrevivia porque os outros pelicanos pescavam para ele. Kropotkin chegou à conclusão de que nem mesmo Darwin estava se referindo à sobrevivência dos mais fortes e sim à dos mais adaptáveis.

No slogan TAMA (There Are Many Alternatives), existe uma influência muito sutil, mas muito importante, do pensamento anarquista.

Uma das grandes diferenças entre o pensamento de Gandhi e os que se dizem maoístas na Índia é que estes acreditam na tomada do poder pelo proletariado como a única maneira de corrigir as distorções da sociedade.

Propriedade coletiva

Vinoba Bhave, um dos discípulos de Gandhi, começou um movimento chamado UDAN (U – Terra; Dan – Presente), em uma região em que havia muitos marxistas insurgentes, grupos armados que se reuniam com o propósito de tomar as terras dos lordes e entregá-las aos trabalhadores pobres. Nos anos 50 e 60, Vinoba Bhave teve uma ideia diferente: ia de vilarejo em vilarejo simplesmente propondo o ensinamento de que a pessoa ficaria mais rica se doasse suas terras. Milhões de acres de terra foram doados dessa forma, e a administração deveria ser exercida pela comunidade e não pelo indivíduo separadamente. Esse movimento gandhiano foi considerado um fracasso, pois ao final os próprios líderes foram passando a administração para o Estado, e o movimento se tornou um programa de governo. Parece uma ideia inocente, mas temos que considerar que a Índia tinha acabado de ser tornar independente, a ideia era de que o Estado somos nós, em contraposição ao governo da Grã-Bretanha, o colonizador. Outro fator que pode ter tido influência é o fato de a sociedade indiana ser formada por muitos grupos hierárquicos em todas as camadas da sociedade, inclusive nas tribos, com conflitos em níveis hierárquicos bem inferiores

naquelas comunidades, e por isso imaginou-se que entregar a administração ao governo seria a solução, mas o governo tornou-se o pior tipo de hierarquia que podia acontecer".

Competição *versus* cooperação

No meio empresarial muitos perguntam ao Dalai Lama sobre o que a compaixão e a cooperação têm a ver com o mundo dos negócios. Em uma reunião com empresários – "Compaixão e Competição no Mundo das Empresas no Século XXI", ao falar sobre competição e cooperação, Sua Santidade aponta dois aspectos: a competição para destruir os outros, ou a competição para que todos façam o que deve ser feito da melhor maneira possível. O jogo de tênis, que hoje tem como objetivo dificultar que o adversário pegue a bola, em sua origem tinha outras características: ver quanto tempo as duas pessoas conseguiam jogar sem derrubar a bola no campo adversário. O foco estava na cooperação.

Há uma citação do Dalai Lama que diz "O que nós de fato devemos fazer para fortalecer os outros é empoderá-los para que se sustentem por suas próprias pernas", e isso pode ter uma relevância direta no mundo dos negócios também.

Os cartões de crédito

A ideia do cartão de crédito surgiu no final dos anos 60, e no início foi um caos, porque as empresas mandaram cartão para todo mundo, gerando muitos problemas aos bancos.

Nesse sistema, no topo estão as empresas de crédito e os bancos, em seguida os prestadores de serviços ou fornecedores de mercadorias, e a camada de baixo é formada por milhões de pessoas, que devem possuir um cartão de crédito e que fazem compras.

Em 1968 vários bancos se reuniram para tentar solucionar o problema, mas não tiveram êxito. Dee Hock era um dos participantes daquela reunião, representando um pequeno banco de Seatle.

Interessado em filosofia, em particular a oriental, Dee Hock percebeu que o problema não era meramente mecânico, era necessário desenvolver os fundamentos do sistema para que pudesse funcionar. Era necessário um trabalho na raiz do sistema. E a raiz deveria ser fundada na cooperação, para que depois todos pudessem florescer.

Dee Hock foi o criador do Visa, e listou os princípios que fariam a estrutura funcionar, entre outros:
1 – a participação deve ser aberta para todas as partes relevantes afetadas pelo processo.
2 – o poder e as funções devem ser distributivos ao grau máximo.
3 – as decisões devem ser tomadas por organismos e métodos que representem todas as partes e ainda assim não dominadas por ninguém.
4 – tudo deve acontecer de forma harmoniosa e incorporar tanto a colaboração quanto a competição no processo.

5 – deve ser durável em seu propósito e princípio, ao mesmo tempo em que deve ser infinitamente maleável na sua forma e função.
6 – deve libertar o espírito humano e a criatividade humana.

Dee Hock começou dando forma às coisas de acordo com sua concepção, mas a prática não confirmou sua visão sobre a empresa – imaginou que os bancos também compartilhariam o seu poder, mas, contrariamente, passaram a concentrar cada vez mais poder.

A história mostra como é que essas ideias que tentam subverter a ordem das coisas estão presentes mas não conseguem vingar. Vamos falar agora disso e também da ideia do lucro.

A ideia do lucro

O lucro é um problema pré-capitalista, e o código de Hamurabi, um dos documentos mais antigos da cultura semita, *c.*3800 a.C., já traz regras que tratam do endividamento.

Historicamente, há duas ou três versões sobre a natureza desse problema. Falamos no início sobre como se constituiu a agricultura e após uma lacuna de alguns milhares de anos começaram as trocas comerciais.

Antes dos bazares, havia a ideia de compartilhamento e empréstimos. Plantando a partir de um empréstimo de uma saca de grão, por exemplo, resultariam 400 sacos de trigo. A ideia não seria devolver a mesma quantidade emprestada, mas uma quantidade maior. Essa é uma prática que perdura até hoje: se o vizinho manda um pedaço de bolo, nunca devolvemos o prato vazio.

Em algum momento esse sistema primitivo deve ter sido modificado, pois o código de Hamurabi denota que havia muitos problemas decorrentes de situação de endividamento, que com frequência era resolvida tornando escrava a pessoa endividada. Essa era a principal causa da escravidão, o que se torna cada vez mais sério à medida em que o dinheiro foi ficando mais abstrato, lembrando que a moeda começou a existir somente por volta de 700 a.C.

No mundo antigo, havia a noção de que alguma coisa estava errada em ganhar dinheiro a partir do dinheiro. No Antigo Testamento há sérias proibições com relação à usura. No entanto, a prática continuou nas grandes religiões do judaísmo e do cristianismo até o século 18, terminando apenas com a reforma protestante.

Não se deve cobrar juros quando se empresta a um irmão, diz a Bíblia, mas o banqueiro da época se atinha à interpretação do que seria um irmão: outro judeu, um membro do mesmo credo.

No início, a Igreja simplesmente ignorava a atividade contrária aos seus mandamentos, mas entre o final do século XVII e início do século IX as regras foram modificadas para

poder contemplar a prática com a ideia de que levaria a uma atividade econômica bastante saudável e positiva. Isso começou a se modificar com o surgimento do papel-moeda. Hoje a maior parte do dinheiro do mundo está concentrada nos bancos. Esse é um problema que está no coração da República norte-americana.

A "lógica" da oferta e da procura

Vejamos um exemplo que demonstra a diferença entre o bazar orgânico e um mercado que funciona apenas pela lógica da oferta e da procura, que teve início quando os Estados Unidos estavam em guerra pela independência contra a Grã-Bretanha. Para financiar a guerra, o governo passou a emitir títulos aos interessados com a promessa de pagamento com juros nominativos assim que o novo governo independente estivesse constituído.

Logo após a independência dos Estados Unidos, começaram os boatos de que aqueles títulos não valiam nada, pois o governo estaria sem dinheiro. Assim, alguns agentes começaram a comprar esses títulos por valor bem inferior.

Para solucionar o problema, Thomas Jefferson, que foi basicamente quem elaborou a declaração de independência dos Estados Unidos, e Hamilton, seu secretário de tesouro, tiveram visões opostas. O cidadão comum havia financiado a guerra, tinha comprado aqueles títulos com o propósito de ajudar a independência, e não para ganhar dinheiro.

Thomas Jefferson reprovava o que estava acontecendo no chamado mercado, entendia que precisavam encontrar aqueles cidadãos para pagar-lhes aquilo que os títulos valiam, custasse o que custasse.

Hamilton discordava; dizia que os títulos eram apenas contratos e poderiam ser pagos diretamente ao portador que o apresentasse, caso contrário estariam indo contra a própria ideia de contrato.

Hamilton adotou o que hoje em dia chamamos de visão clínica, muito diferente da visão de Thomas que foi mais social, de 360 graus. É a diferença entre Main Street – a rua principal, onde o bazar acontece, e Wall Street, onde o mercado funciona de uma forma muito mais abstrata e no qual a empresa de cartão de crédito vai cobrar 100% de juros em determinados casos.

As moedas comunitárias e o capital social

Uma das respostas a isso hoje em dia são as chamadas moedas comunitárias.

O conceito das moedas comunitárias nasceu nos Estados Unidos durante a Depressão, e é muito simples. O papel-moeda nada mais é que uma promessa de que ele vale uma quantia determinada. Se temos confiança numa promessa feita por alguém, por que não podemos ter um círculo de confiança entre nós mesmos? Para que precisamos dos governos ou dos bancos para ter esses círculos de confiança entre nós?

O sistema de moedas comunitárias reconstrói a comunidade, reconstrói a confiança. Temos muitos sistemas assim, como por exemplo o Time Dólar, um dólar do tempo, que tem uma atuação no presente, e o LETS, Local Exchange Trading Systems, sistema para trocas comerciais mais complexas.

O Time Dólar foi criado por Edgar S. Cahn, que lançou a ideia no livro *No More Through Away People* (Ninguém mais é descartado). Começou o projeto na região onde vivia, na zona central de Washington que enfrentava problemas sérios com jovens infratores. A técnica funcionou com jovens que estavam desenvolvendo alguma atividade como pena alternativa; ao ganhar um time dólar por uma hora de trabalho, podiam usar o mesmo tempo para receber atividade, por exemplo uma hora de computação ou uma consulta médica. É uma ideia anticapitalista, pois uma hora de um astrofísico vale tanto quanto a hora de uma faxina ou alguém que retira a neve da calçada, isso foi bastante subversivo. O sistema nesse contexto limitado funcionou bem pois havia uma rede de pessoas engajadas no programa, inclusive médicos. Essa ideia já tem 20 ou 30 anos, mas ainda é muito incipiente, não vai mudar o mundo de hoje para amanhã.

A circulação de moedas locais aconteceu na Europa e nos Estados Unidos no pós-guerra, e serviu para reaquecer a economia de certos lugares afetados. Pouco tempo depois os governos desses países intervieram, não apenas por conspiração, mas porque com uma grande quantidade de moedas diferentes tornava-se difícil identificar o valor e a legitimidade de cada uma delas.

Estamos vivendo atualmente a síndrome do comando e do controle, a síndrome do poder. As moedas não são mais simplesmente um símbolo da troca, de confiança na troca.

Na internet, em particular, quando duas pessoas concordam mutuamente que o valor de uma coisa é justo, o que se está criando é um mecanismo de troca de confiança. E isso vai contra os mecanismos existentes de controle, tanto por parte dos governos, quanto das empresas, o que faz com que eles suspeitem das moedas alternativas.

O Time Dólar escapou da intervenção do governo porque mostrou-se uma técnica suplementar, que não visava substituir a técnica e nem as regras de mercado já existentes. Além disso, contou com o apoio do próprio governo, graças à habilidade, ao talento de Edgar Cahn em convencer o governo dos Estados Unidos a isentar de imposto as trocas de atividades feitas por Time Dólar, pois na realidade elas terminavam desonerando a previdência e o bem-estar social.

Na Finlândia o governo já está cobrando imposto sobre as atividades feitas no esquema de moeda comunitária, devido à popularidade e à larga expansão do sistema. Ainda assim, as pessoas estão preferindo pagar o imposto do que ver o modelo morrer.

A emissão de moeda pelo Banco Central é uma situação de ganha/perde, e isso está no centro do nosso sistema econômico mundial hoje.

O Time Dólar não foi um fim em si mesmo, mas um meio. A ideia que está por trás disso tudo e a sua finalidade é a coprodução. Edgar Cahn afirma em seu livro que "Os valores centrais encarnados numa coprodução se movem numa progressão lógica do indivíduo para a sociedade em círculos concêntricos que se expandem. Eles convertem a capacidade individual em contribuição com os outros, a contribuição em obrigação recíproca e o engajamento recíproco em capital social".

Economia – cuidar da casa

Crematística, do grego *khrematistiké, khréma+atos*, é um modelo de economia muito mal visto na Grécia Antiga, que basicamente trata de construir riqueza de maneira oportunista. Economia, *oikonomia*, do grego *óikos*, casa, cidade, etimologicamente significa cuidar da casa, ganhar dinheiro necessário para a manutenção de uma casa ou cidade.

Ambas as atividades coexistiam na Grécia Antiga, mas havia uma valorização da *oikonomia* em detrimento da *krematistiké*. Por milhares de anos houve um grande esforço para que a *oikonomia* se solidificasse, mas nos últimos 250 anos o que impera é essa segunda forma de atividade, a crematística.

Com o modelo que usamos hoje em dia não estamos cuidando da "casa", desse modo não vamos conseguir resolver o problema das mudanças climáticas.

O mercado e a hierarquia

A hierarquia do mercado é dada pelo poder aquisitivo – se tem dinheiro, a pessoa pode comprar o que quiser independentemente da casta à qual pertença. Esse seria um ponto positivo mostrado por esse sistema. Vemos, por exemplo no caso dos celulares na Índia, que o sistema serve a pessoas que vivem em áreas muito remotas, que podem ter e receber os benefícios dessa comunicação – recebem um médico de tempos em tempos, e podem ter a sua orientação por telefone nos períodos entre as visitas. Por outro lado, nessa dinâmica de mercado, você só existe se é considerado como um potencial comprador ou vendedor.

Pontes vivas – uma solução sustentável, sustentada por gerações

Na região Nordeste da Índia há um local que possui muita água, a comunidade enfrenta dificuldade de encontrar um local seco e o deslocamento de um lugar a outro se torna impossível principalmente no período das monções. As pessoas dessa comunidade construíram aquilo que ficou conhecido como as "pontes vivas", uma estrutura que leva muitas gerações até ficar pronta.

Pontes vivas de Meghalaya, Índia

A árvore foi plantada 30 anos atrás e é preciso saber cortar os galhos para que eles se entrelacem. Todo o ano é preciso fortalecer as raízes da planta, trabalho que não dá para ser completado por uma única geração. Algumas pontes têm dois andares, outras já têm mais de 100 anos e crescerão por 500 anos. Há poucos exemplos no mundo de uma solução assim, tão natural e bem sucedida.
Não há dinheiro envolvido na criação, na manutenção, no uso, nem na linguagem, nem na tecnologia usada.
Link para o video - Meghalaya's Living Bridges (Pontes vivas de Meghalaya, Índia)
https://www.youtube.com/watch?v=8by-aY6f7Q8

Fundamentalismo do Mercado, a perversão da natureza humana

Começa a aumentar a conscientização sobre as limitações do modelo no qual temos vivido ultimamente, com base no autointeresse, no dinheiro.

George Soros esclarece que "é o fundamentalismo de mercado que define que o bem social é mais bem servido ao permitir que as pessoas persigam seu próprio autointeresse, sem nenhuma consideração pelo bem social, pelo bem comum".

Esse tipo de pensamento é uma perversão da natureza humana, pois estreita demais a ideia do que somos e do que podemos ser.

O comportamento que vemos na construção da ponte viva pode parecer muito exótico, mas acontece até hoje de muitas formas.

Economia pós-autista (Economia do Mundo Real)

Há um movimento na França – Economia pós-autista, iniciado em 2000 por um grupo de 150 estudantes da Universidade de Sorbonne em Paris, que declararam sentir-se enganados pelo que estavam aprendendo como Economia; totalmente desconectada com a realidade que a cerca, era uma Economia autista.

A manifestação adquiriu vida própria, em pouco tempo alguns alunos de Oxford e Cambridge na Inglaterra ouviram falar desse posicionamento dos alunos da Sorbonne e em um ano a ideia já tinha cruzado o Atlântico. Como alguns economistas começaram a se sentir muito mal por estarem sendo chamados de autistas, o pessoal que começou o movimento, por pura gentileza humana mudou o nome para Economia do Mundo Real.

Algo que mostra muito claramente a necessidade de colocar em cheque essa economia autista são as mudanças climáticas.

O autointeresse e as mudanças climáticas

Nicolas Stern, que por volta do ano 2000 foi economista chefe do Banco Mundial, já aposentado e a pedido do Tesouro Britânico em 2006 faz um estudo sobre as finanças e as mudanças climáticas, e conclui ter sido a maior falha do mercado na história, não em algum ponto determinado, mas pelo simples fato de seguir a lógica do autointeresse.

As mudanças climáticas deveriam ter sido abordadas tendo como parâmetro o interesse coletivo. Obviamente, o interesse coletivo não estava sendo atingido pelo simples fato de que cada um estava perseguindo sozinho o seu próprio autointeresse – o interesse coletivo não é a soma dos vários autointeresses de cada um.

Autointeresse/competição x Interesse coletivo/colaboração

Agora nós vamos olhar para duas coisas. A primeira é a combinação entre o autointeresse e a competição e, a segunda, a combinação entre o interesse coletivo e a colaboração.

Usaremos como exemplo a história do software livre por ser mais tangível, que tem a ver com tecnologia, mas podemos fazer uma analogia com as questões climáticas.

No começo os computadores eram enormes e a criação de software, a escrita de código, não envolvia dinheiro. Os softwares passaram a adquirir valor monetário no final dos anos 70, com o advento do PC, dos desktops.
Naquele contexto inicial, havia um jovem muito promissor chamado Richard Stallman, um jovem gênio que ainda estudante na Universidade de Harvard consegue um emprego no MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, próximo de Boston, para trabalhar com inteligência artificial.
Stallman cresceu num ambiente em que os códigos desses softwares eram abertos, estava acostumado a escrever esses programas junto com outras pessoas que trocavam entre si a codificação, para usar naquilo que cada um estava desenvolvendo.

Nos anos de 1981 e 1982, com o grande crescimento do potencial de lucro com os softwares, essa cultura começou a mudar e os códigos passaram a ser fechados. Os questionamentos de Stallman contra essa nova tendência começaram de uma forma bem prática: se uma impressora não funcionasse direito ele não conseguiria melhorá-la, pois o fabricante se recusaria a fornecer o código do software da impressora. Transtornado e inconformado com essa ideia de não mais poder compartilhar o código, reúne-se com alguns amigos em protesto e mais tarde cria a Fundação do Software Livre. Hoje com uns 60 anos, penso que Stallman será lembrado como uma das figuras-chaves do século XXI.
Cria uma biblioteca com licença aberta, uma estrutura própria que tinha como princípio o compartilhamento, um universo alternativo em que todos podem usar o que já existe para criar e compartilhar livremente com outros, com uma única condição: ninguém pode fechar, nem esconder o código. E licenciaram esse software como livre para impedir que a HP, a Microsoft, a Apple, na verdade qualquer um resolvesse usar o código cedido livremente ocultando uma parte para comercializar.

Em 1991, surge Linus Torvalds em Helsinque, um garoto uns 20 anos que era um completo geek[2], que adorava computação. Reúne-se com outros 250 tipos como ele do mundo inteiro, e juntos começam a criar um computador (desktop) de código aberto.
Até o momento, apenas havia Stallman nessa direção e quem trabalhava nesse sistema eram profissionais especializados em computação. Além disso o software livre não era utilizado em desktop. A grande sacada de Linus foi criar esse programa para desktop chamado Linux.

Quando, ainda trabalhando no protótipo em várias versões do desktop para o Linux, descobriram que Linus era um jovem solteiro que ainda vivia com a mãe. Perguntaram a ele se precisava de dinheiro, pois lhe mandariam. Sabendo que o dinheiro não podia entrar nessa equação sem desandar o projeto, ele diz que não precisa, e pede que enviem cartões postais pois queria conhecer as partes do mundo onde eles viviam.

Quando Linus se muda para os Estados Unidos em 1994/1995, Steve Jobs o convida para visitá-lo, dizendo que juntos poderiam "governar o mundo do computador". Mas ele simplesmente diz: "Por que eu deveria fazer isso?" Anos depois um jornalista perguntou-lhe se ele tinha algo contra ganhar dinheiro, por ter recusado aquele convite. E ele falou: "Nada! Eu ganho dinheiro suficiente para colocar gasolina no meu BMW".

Outra frase interessante de Linus é: "Com globos oculares em quantidade suficiente, todos os bugs ficam fáceis de resolver". E eu digo que se uma quantidade suficiente de pessoas olhar para os "bugs" das mudanças climáticas, será mais fácil encontrar uma solução.

Poucos entre nós já ouviu falar de Tim Berners-Lee, mas ele foi o criador da World Wide Web, ou www – rede mundial de computadores, a internet. A comunicação entre computadores já existia, mas não era uma rede mundial. Indagado por que ele não criou a rede Berners-Lee de computadores, ele respondeu que desse modo uma rede não conversaria com a outra e não seria uma rede mundial, que era o que ele queria criar.

[2] Pessoa com excepcional talento e interesse por tecnologia e programação.

Muito embora essas pessoas do software livre, hoje chamado *open resource* (fonte ou código aberto) não se definam como anarquistas, aquilo que é mais central na teoria anarquista – que é o conceito do "é proibido proibir" – faz parte da teoria deles.

Stallman disse: "A minha missão é ser livre para cooperar. Vocês não podem me proibir de cooperar com quem quer que seja".

Hoje em dia 90% dos servidores do mundo "rodam" em software livre, embora a maioria de nós provavelmente não use o Ubuntu – o software criado pelo movimento dos softwares livres.

Na realidade, a Internet nada mais é do que uma rede de servidores unidos uns aos outros.

Brad Harrison, uma das primeiras empresas a abrir seu capital na Bolsa com base em produto oferecido com código aberto, deu uma parte das ações a Linus Torvalds, entendendo que a empresa se tornou o que era graças ao software aberto dele.

Felicidade: preservação ou riqueza?

A Índia desvalorizou durante milênios o trabalho mais importante, que é o da limpeza. Até hoje há uma valorização do trabalho mental sobre o manual. Nos últimos 30 anos os intocáveis ganharam algum tipo de espaço na sociedade, mas ainda não é o suficiente.

Na mitologia hindu Vishnu é o deus da preservação, é o CEO *[Chief Executive Officer]* da nossa vida. Ele é casado com Lakshmi – deusa da riqueza. Um dia tiveram uma grande discussão na qual Lakshmi diz a Vishnu: "Você tem um grande poder, mas o que move o mundo é a riqueza, o dinheiro". Então Vishnu lhe propõe fazer um teste: "Vamos descer à Terra e ver como é a vida de um homem muito rico mas triste, sempre se lamentando e rabugento". Então, Lakshmi se disfarçou pouco, ainda tinha uma aparência bonita. Vishnu se disfarçou de um velho que sempre tossia e tossia como um cachorro.
Convivendo com o casal, esse homem muito rico, de temperamento depressivo, tornou-se alegre, vital, disposto.
Passam semanas e semanas nesse clima e Lakshmi, cansada da situação, pede que ele mande embora o velho (Vishnu), e o homem rico novamente se entristece. O gosto pela vida é um dom, diz Vishnu. A quantidade de posses não é o que faz um ser humano feliz.

Agricultura industrial, na contramão da vida

O que fazer com o poder do capital? Ainda o capital é muito poderoso. A gente pode sobreviver sem roupa da moda, sem objetos de desejo, mas não sem comida.

Estamos vivendo um modelo que substitui nosso modo natural de alimentação por produtos industrializados, envolvendo grandes companhias de alimentos e governos. As bases dessa agricultura industrial estão fundadas na propriedade intelectual que é a que processa as sementes.
Monsanto é o exemplo mais evidente, com sua política genética. As sementes que são vendidas por ela não podem ser usadas de uma colheita do ano para futura semeadura, o que contraria totalmente a lei da natureza. Não se pode replantar porque é necessário, por contrato, pagar *royalties* e comprar novas sementes.

A grande questão para nós é: qual atitude tomar? Considerar a Monsanto como uma grande empresa demoníaca? Ou será que, com base na possibilidade de que um indivíduo pode mudar, também uma empresa como a Monsanto pode mudar?

Caminhos pela mudança

- Tripé = Os três P – *people/planet/profit*, ou seja, pessoas/planeta/proveito (lucro)

- Mercado Ético
  2004 – Kofi Annan lança o Pacto Global
  80 maiores empresas do mundo colocaram diretrizes de ações que beneficiariam o planeta e que seriam sustentáveis.

- 2006 – Princípios de Investimentos Responsáveis.

- O fim da escravatura e a descolonização são dois exemplos de mudanças radicais.

- Muhammad Yunus, há 30 ou 40 anos atrás começou o trabalho do Banco do Povo, o Grameen Bank, um banco rural.
  Atualmente o Prof. Yunus está trabalhando com pessoas muito ricas para investir em empreendimento social, isto é, disponibilizar e investir seu dinheiro em programas e empresas sociais. Mercado de Bens Sociais onde o lucro é o bem social ou ambiental.

Ideias finais para reflexão

- Temos que redefinir **o valor**. Esse é o problema central.
  Temos o tripé pessoas/planeta/lucro, mas isso não consegue ocupar o lugar que o lucro ainda ocupa.

- Kumarappa, discípulo de Gandhi, propõe "A economia da Permanência", dizendo que os seres humanos têm necessidades e vontades que mudam com muita frequência. São justamente as mudanças de necessidades e vontades que outorgam "valor".

- Contanto que você viva a sua vida e não acumule coisas apenas por acumular, você pode ter múltiplos valores, valor multidimensional.
  A segurança financeira para o futuro, para cuidar das necessidades que surgirão no futuro já é uma realidade consensual na sociedade contemporânea.
  O radicalismo de não acumular nada elimina a variável da liberdade.

- "Estou lutando para ser uma boa pessoa, viver melhor ou da melhor forma possível neste mundo complexo."
  Não existe mudança repentina!

- "O pessimismo somente vai servir para tempos melhores, porque a crise é tão profunda, os tempos estão tão ruins e os desafios são tão enormes que não podemos nos dar ao luxo de sermos pessimistas."

- Não existe nada mais poderoso do que viver na via alternativa. Não desista de você. Não desista dos outros. Sempre há portas e janelas para serem abertas.

***

O áudio do seminário está disponível para download em
http://www.palasathena.org.br/noticia_detalhe.php?noticia_id=135

Transcrição do áudio: Maria Piedade Costa
Edição de texto: Denise Ribeiro e Rejane Moura
Revisão: Lucia Benfatti